

Lingua unica

VILEM FLUSSER

Os leitores do "Estado" estão sendo informados pelos artigos do sr. Paulo Ronai, sobre o aparecimento periodico de tentativas de inventar uma lingua universal. Os artigos são fascinantes, não somente pela maneira da exposição, mas também pelo tema. Essas tentativas, por pateticas que sejam, testemunham um desejo profundo e geralmente subconsciente, um "metaphysical urge" que me proponho analisar neste artigo.

O motivo para a invenção de uma lingua universal é normalmente racionalizado pelos inventores. A lingua deve ser "fácil de aprender", deve "servir para o intercambio internacional", enfim, deve ser util. Entretanto é evidente, para quem lê os prefácios que geralmente acompanham tais experiencias, que se trata de motivos menos utilitários. O zelo missionário dos inventores prova que estes sentem, inconscientemente, que uma lingua universal teria um significado muito mais profundo. Os filosofos logicistas, em suas tentativas de estabelecer uma lingua universal e formal, procuram conscientemente esse significado. Para podermos vislumbrar o efeito que teria uma lingua universal, imaginemos que exista uma unica lingua, por exemplo a portuguesa. Isto não é difícil de imaginar, já que efetivamente só existe o português para a grande maioria dos que falam e pensam.

Neste caso hipotetico haveria uma perfeita concordancia entre palavra e significado. A palavra "casa" seria a forma pela qual o fenomeno "casa" é apreendido e compreendido pelo intelecto humano. O fenomeno "casa" e palavra "casa" seriam os dois aspectos da mesma realidade. A palavra "casa" seria o aspecto "noumenal", o aspecto conhecido de uma realidade que aparece aos sentidos na forma do fenomeno "casa". As regras gramaticais que governam a lingua, neste caso a lingua portuguesa, estariam em perfeita concordancia com as regras que governam os fenomenos, isto é, com as leis da natureza. A frase "eu tenho uma casa" seria verdadeira, se pudesse ser verificado o seguinte: 1) Existem duas substancias que são conhecidas pelos

analise logica. Nelas não é possível distinguir sujeito, objeto e predicado. Espelham elas a realidade? Que tipo de realidade é essa, que desconhece substancias, relações entre substancias, e processos? A mera contemplação da multiplicidade de linguas ameaça submergir-nos no relativismo ontologico e no ceticismo epistemologico. Perdemos o contacto com a realidade e a fé no conhecimento humano. A propria logica, essa disciplina á qual devemos em grande parte a nossa ciencia, ameaça revelar-se como característica das linguas flexionais, portanto tendo valor meramente restrito. É claro que este tipo de conclusões provocadas pela contemplação da multiplicidade de linguas deve ser evitado.

Como? O método mais facil, embora talvez o mais ingenuo, seria, se pudéssemos, estabelecer uma hierarquia entre as linguas. Se pudéssemos, por exemplo, dizer que a lingua portuguesa é a mais perfeita entre todas e que a realidade se espelha mais perfeitamente nela. As frases das outras linguas só seriam "realmente" verdadeiras, quando traduzidas para o português. Terei talvez oportunidade num proximo artigo de analisar os problemas que a tradução provoca. Entretanto, a arbitrariedade da hierarquia proposta salta aos olhos. Ninguém será tão ingenuo a ponto de aceitar a lingua portuguesa como a unica fonte do conhecimento. Isto é, ninguém o faria conscientemente. Creio que muitos o fazem inconscientemente, o que explica, a meu ver, o amor pela lingua materna.

Mas a tentativa de estabelecer uma hierarquia parece ser menos ingenua, se for escotejada uma lingua artificial como o cume da piramide das linguas. É esta a meta dos filosofos logicistas. A frase "eu tenho uma casa" teria, por exemplo, a forma "a)b" em uma daquelas linguas. Os filosofos admitem que esta lingua artificial não significaria uma situação real concreta. A frase "a)b" pode significar também "José tem uma maçã". Mas, assim dizem eles, a frase espelha a estrutura da realidade. Ela espelha a rede, em cujos nós os fenomenos se dão. Todavia, como chegaram os

substantivos "eu" e "casa". 2) Existe um processo conhecido pelo verbo "ter". 3) Existe uma situação na qual as duas substâncias estão relacionadas entre si pelo processo de forma que um seja a parte ativa (o sujeito), e a outra a parte passiva (o objeto) do processo. A língua portuguesa seria, neste caso, se falada corretamente, um espelho fiel da realidade. Digo mais, seria o único espelho fiel da realidade. Um estudo das regras da língua portuguesa equivaleria ao estudo das leis da natureza, já que essas regras seriam o aspecto conhecido daquelas leis. Neste caso hipotético seriam provavelmente as seguintes as teorias de conhecimento que os filósofos nos ofereceriam: uns, os materialistas, diriam que a realidade se imprime sobre o espírito sob a forma da língua portuguesa. O espírito conhece a matéria sob a forma da língua portuguesa. A língua portuguesa é a antítese da matéria. Outros, os idealistas, diriam que a língua portuguesa é a realidade. Como, entretanto, ela deve, por sua própria natureza, significar algo, surge a matéria como antítese da língua portuguesa, sendo essa matéria, ela mesma, parte da língua portuguesa. Um Leibnitz diria que existe uma harmonia preestabelecida entre a língua portuguesa e a realidade. Um Kant diria que as regras da língua portuguesa são as categorias do conhecimento humano, às quais correspondem, de maneira inacessível, as categorias da coisa em si que a língua portuguesa significa. Com efeito, em todas essas filosofias haveria uma identificação tácita entre "língua portuguesa" e "pensamento ou espírito humano".

Infelizmente para os nossos filósofos, a multiplicidade das línguas proíbe a identificação pura e simples do espírito com a língua. Não existe "a língua"; existem línguas. E' sumamente incomodo querer identificar o espírito com a multiplicidade de línguas. As línguas divergem entre si não somente quanto a palavras, mas também quanto às regras. A frase portuguesa "eu tenho uma casa" seria por exemplo em russo "u mienhá dom", isto é, "perto de mim casa". Trata-se, portanto, de duas relações divergentes entre substâncias. Qual delas espelha a realidade? Se ambas, a realidade não é unívoca. As frases das línguas aglutinantes não permitem

filósofos a formular as suas línguas artificiais? Abstraindo a partir das línguas que falam. O que essa língua simbólica espelha é, na realidade, a gramática das línguas flexionais. Longe de ser uma língua universal, é, de fato, uma espécie de esperanto sofisticado das línguas européias. As frases das línguas aglutinantes e isolantes, por exemplo do esquimó e do chinês, não podem ser autenticamente traduzidas para ela. O método não diverge, portanto, do método de considerar o português como a mais perfeita das línguas, embora o preconceito dominante deixe de ser tão evidente.

A matemática, a língua da ciência, não passa de um caso especial e aplicado da língua simbólica. Somos portanto forçados a concluir que as leis da natureza, quando formuladas matematicamente, estão, em verdade, sendo formuladas em português sofisticado. Tem validade restrita ao campo das línguas cujas regras são semelhantes á gramática portuguesa. A sua aparente validade universal, o fato que "a ciência funciona em toda parte", é um outro problema que ultrapassa o escopo deste trabalho.

Os inventores das línguas universais não se dão conta, por via de regra, da vastidão do problema. Daí o seu otimismo. Sentem, entretanto, o castigo que paira sobre a humanidade "desde a construção da torre e a confusão das línguas" e referem-se, geralmente, a esta passagem da Bíblia em seus prefácios. As suas tentativas são, portanto, caracterizadas por aquilo que os gregos chamariam de "hybris". Querem, com efeito, continuar a construção da torre. E nós, com a nossa matemática e lógica, e com a ciência delas resultante, não queremos fazer, em última análise, o mesmo? Por ocasião da construção da torre, Deus disse a seguinte frase curiosa aos anjos: "Todos têm a mesma língua... agora não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer". Os construtores das línguas universais, e nós com a nossa ciência matemática, queremos reencontrar a língua única hipotética para que não "haja restrição para tudo o que intentamos fazer". A língua única, sendo o espelho da realidade, proporcionaria o domínio sobre ela.